

Quando o serviço de saúde chega próximo às comunidades

O ENVIO de brigadas móveis para oferecer diversos serviços de saúde às comunidades, em particular os de planeamento familiar, tem sido um balão de oxigénio para muitas mulheres que não conseguem espaço para se dirigirem à unidade sanitária que, para algumas, dista 20 quilómetros ou mais, do respectivo lugar de residência.

Rosa Filimão, 30 anos de idade, é uma das mulheres que há algum tempo pensava em ir buscar ajuda na unidade sanitária, mas que sempre adia-va por várias razões, entre as quais a falta de dinheiro para o transporte e ocupação nos seus pequenos negócios que, aliás, alimentam a sua família.

Explica que tem três filhos e o mais novo ainda não tem sequer seis meses de vida. Por isso, já estava a precisar de aderir a algum método contraceptivo para evitar engravidar antes que o seu bebé complete pelo menos dois anos, conforme recomendam as autoridades de saúde.

“Tive o meu primeiro filho aos 17 anos. Na altura estava a frequentar a 7ª classe e tive que parar de ir à escola. A vida não



Brigadas móveis facilitam acesso aos serviços de planeamento familiar

tem sido fácil para mim, vivo ainda na casa dos meus pais e dependo de pequenos negócios para alimentar as crianças, por isso, encontrar esta brigada móvel foi um alívio para mim, porque poderei escolher um método contraceptivo que me possa ajudar a planificar melhor o nascimento dos meus filhos”, animou-se a jovem mulher.

A utilização de brigadas móveis para a oferta de serviços sanitários é uma das estratégias adoptadas pelo Ministério da Saúde (MISAU) para garantir que mulheres, jovens, casais possam usufruir do direito de determinar o tamanho das suas famílias e escolherem quando ter filhos.

Alda Mahumana, da Direc-

ção Nacional de Saúde Pública no MISAU, explicou, recentemente, a jornalistas que se pretende com o planeamento familiar melhorar as condições de saúde da mulher, especificamente, as de alto risco reprodutivo que, segundo ela, tem contribuído para as altas taxas de morbi-mortalidade materna e perinatal. A magnitude da

mortalidade materna não é conhecida no país, estimando-se que se situe entre 500 e 1500 mortes por 100.000 nascimentos.

Evidências científicas mostram que proporcionar o acesso à contraceção a mulheres que querem adiar a gravidez ou parar de ter filhos tem o potencial de reduzir as gravidezes não-planificadas, as mortes maternas e o aborto provocado em 73, entre 25 e 35, em 70 por cento, respectivamente.

Sabe-se ainda que se as mulheres tiverem os meios adequados para espaçar as gravidezes por um período de três anos, pode-se evitar a morte de 18 por cento das crianças que morrem até aos 28 dias, de 24 que perdem a vida até ao primeiro ano de vida e de 35 por cento de crianças que morrem até aos cinco anos de idade, para além de ganhos sociais e económicos.

Para além de ganhos na redução da mortalidade materna e neonatal, planificando a gravidez, a mulher terá mais tempo e espaço para se formar, conseguir um trabalho digno, assim como contribuir de forma significativa para o crescimento económico do país.

Programar melhor o nascimento dos filhos

CONVERSÁMOS com Rosa Filimão, enquanto ela espera pelo atendimento em brigada móvel que prestou serviços há dias no Zimpeto, um dos bairros periféricos da cidade de Maputo. No local estava Josefa Cardoso, mãe de dois filhos, que também esperava pela sua vez para ter orientação sobre que método adoptar.

Conta que, logo após o nascimento do filho, foi convidada a aderir ao planeamento familiar e ela escolheu a pílula como método contraceptivo e foi-lhe oferecida a pílula não combinada. “Tomei aquele tipo de pílula até que o meu filho cresceu e sem nenhum problema, tendo chegado uma altura que parei de tomar. Contudo, há meses fui comprar a mesma pílula na farmácia, mas quando tomo me faz mal. É por essa razão que estou aqui”, disse.

Referiu que a decisão de voltar a aderir ao uso de contra-

ceptivos foi tomada em casal. “Programámos para ter o primeiro filho, mas para o segundo não. Não queremos voltar a cometer o mesmo erro. Foi fácil cuidar do mais velho, porque estávamos preparados”, disse, aconselhando outras mulheres a planificar a gravidez, porque, segundo ela, em situação de desespero algumas recorrem ao aborto, por vezes, clandestino, o que pode ser fatal.

Enquanto dialogávamos, chegou Ivânia Anibal de 26 anos e mãe de dois filhos. Ela contou-nos um pouco sobre a sua experiência no uso de contraceptivos modernos.

“O primeiro filho não foi planificado e tive que interromper os estudos na 10ª classe, aos 18 anos. Na altura, não tinha informação clara sobre o planeamento familiar mas, felizmente, logo que tive alta após o parto foram-me oferecidos contraceptivos e aceitei”.

Por isso, segundo esta mu-



A sensibilização é necessária para garantir uma maior adesão

lher, os jovens, pais e encarregados de educação devem informar-se melhor sobre os métodos contraceptivos e a sua importância para a sociedade.

“Algumas pessoas pensam

que os contraceptivos modernos e reversíveis podem levar à infertilidade. Para mim, esta informação é um mito. Faço uso de contraceptivos há oito anos e quando chego a vez

de fazer o segundo filho interrompi e não tive dificuldades em engravidar”, disse Ivânia Anibal, que já concluiu a 12ª classe, estando actualmente a trabalhar.

Melhor buscar ajuda em profissionais preparados

BUSCAR os métodos contraceptivos numa unidade sanitária ou em profissionais preparados é o melhor que os casais, mulheres, jovens podem fazer para evitar que escolham algo que possa colocar em risco à saúde.

Este é o conselho da enfermeira Zaida Bié que, há quatro anos, está ao serviço da organização PSI e tem integrado as brigadas móveis que oferecem serviços de planeamento familiar nos bairros da cidade e província de Maputo.

Dedicam dois dias para cada bairro e têm tido muita adesão de pessoas, particularmente mulheres em idade reprodutiva, embora o seu principal foco se-

jam adolescentes e jovens.

Anotou que no consultório os utentes colocam várias questões sobre as vantagens e desvantagens do uso de contraceptivos modernos, sobretudo a possibilidade de infertilidade após uso prolongado destes métodos e esclarece: “os contraceptivos não causam infertilidade, pelo contrário, ajudam a mulher ou ao casal a planificar melhor as suas vidas pois, podem decidir sobre o espaçamento para nascimento dos filhos, como quando querem ter filhos, assim como quantos filhos desejam”.

Ensinou ainda que a escolha do melhor método depende da reacção de cada

organismo. Contudo, avança que, durante a consulta, o profissional de saúde busca a informação necessária dos pacientes para orientá-los de forma adequada. Para além disso, as mulheres são submetidas a alguns exames que possam, por exemplo, ajudar na escolha da pílula (método contraceptivo).

“Temos dois tipos de pílulas – a combinada e a não combinada. As mulheres podem escolher qualquer uma destas pílulas. Contudo, não se aconselha a pílula combinada a uma mulher hipertensa, porque pode agravar o quadro. Para a mulher que está a amamentar, não se aconselha a tomar a pílula combinada

nos primeiros seis meses, porque o leite pode secar”, explicou, ressaltando a importância da busca pelos serviços na unidade sanitária ou em brigadas de saúde.

As brigadas móveis têm ajudado no aumento da adesão ao planeamento familiar. Contudo, devido à Covid-19, algumas mulheres não buscaram por estes serviços. Na cidade de Maputo, por exemplo, 44.279 mulheres fizeram o planeamento familiar nos primeiros nove meses deste ano. Contudo, comparado com igual período de 2019, durante o qual houve registo de 79.577, verifica-se uma queda em cerca de 44 por cento no nível de procura.